

Arquitetura e Psicologia Ambiental

Anna Flavia Nascimento Souza

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Maria de Jesus de Britto Leite

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Resumo

A interdisciplinaridade, como método, é capaz de promover mudanças e desafios que podem transformar o modo de entendimento do indivíduo sobre determinado assunto, sendo um âmbito educativo que tende a reduzir visões fragmentadas e limitadas. Tendo em vista esse fato, percebe-se a necessidade de estudar, de maneira interdisciplinar, a Psicologia Ambiental e sua forma de interferência na Arquitetura e no Urbanismo. Entender as relações pessoa-ambiente tem sido alvo de abordagem em diferentes esferas, principalmente neste campo científico de preocupação com o espaço.

Palavras-chave: Arquitetura. Urbanismo. Interdisciplinaridade. Espaço. Relações.

Abstract

Interdisciplinarity, as a method, can promote changes and challenges that can transform the individual's way of understanding about a given subject, being an educational scope that tends to reduce fragmented and limited views. In view of this fact, one realizes the need to study, in an interdisciplinary way, Environmental Psychology and its form of interference in Architecture and Urbanism. Understanding the person-environment relations has been approached in different spheres, especially in this scientific field of concern with space.

Keywords: Architecture. Urbanism. Interdisciplinarity. Space. Relations.

Interdisciplinaridade no Ensino de Arquitetura e Urbanismo

O processo de aprendizagem e formação de um aluno envolve inúmeras características. Além do ensino de matérias, relações sociais, culturais e políticas também se revelam como elementos constituintes desse desenvolvimento cognitivo. Tais relações são significativas e podem influenciar diretamente na evolução e no preparo do futuro profissional, assim como a comunicação entre diferentes áreas do conhecimento.

A interdisciplinaridade, a nível conceitual e geral, vem sendo discutida em diferentes âmbitos científicos e pode ser entendida, de acordo com Héctor Ricardo Leis (2005), como uma condição fundamental do ensino e da pesquisa na sociedade contemporânea. Tendo em vista um mundo cada vez mais globalizado, observa-se a necessidade manifestada pela educação de se libertar de modelos tradicionais de ensino e de instituir, em suas organizações e grades curriculares, métodos interativos de aprendizagem.

Para que o ensino seja interdisciplinar, é necessário que as formas de organização acadêmica sejam elaboradas de maneira associada, nas quais docentes de disciplinas variadas se planejem de forma comum. Esta organização e integração entre os saberes interdisciplinares podem romper com a fragmentação do conteúdo e permitir a completa relação entre as partes, promovendo unidade no ensino e interação entre os conteúdos e disciplinas (BATISTA, 2017). Percebe-se, portanto, que a interdisciplinaridade se revela como uma nova ideia de realidade e um novo método de refletir e pensar sobre o ensino, levando em consideração a troca de

conhecimentos, reflexões e questionamentos.

Trazendo tal realidade para o ensino da Arquitetura, percebe-se que, de acordo com Vidigal (2010), em um trabalho realizado na UFPR, a falta de interdisciplinaridade nesse ramo científico encontra principal motivação na fragmentação e falta de relação de conteúdo das disciplinas do curso. Tal ausência de conexão gera consequências negativas no processo de ensino e aprendizagem, podendo comprometer o desenvolvimento profissional do aluno.

O trabalho interdisciplinar consiste em ligar disciplinas e assegurar o caráter positivo de cada uma (JAPIASSU, 1976). Desse modo, é necessário que o aluno resgate os conhecimentos adquiridos em todas elas de modo a conseguir relacioná-las. O estudante assume um papel fundamental na atividade, por ser o responsável por integrar conteúdos a fim de realizar um determinado exercício ou projeto, acrescentando, ainda, um discurso crítico. É essencial, portanto, que alunos e professores estejam envolvidos no processo de construção do conhecimento, para que a junção dos conteúdos fragmentados possa acontecer.

Psicologia Ambiental

Entre os aspectos interdisciplinares que se relacionam à arquitetura existe a Psicologia Ambiental, que consiste, de acordo com Cavalcante e Elali (2011) em “um campo de conhecimento voltado para o entendimento das relações bidirecionais pessoa-ambiente”. Tem como principal objetivo entender e analisar como o comportamento das pessoas pode atingir o ambiente ao seu redor e como os aspectos sociais e físicos do ambiente podem influenciar o comportamento das pessoas, considerando o fato de que cada pessoa percebe, avalia, e tem atitudes individuais em relação a tal ambiente.

Esse campo do conhecimento preocupa-se em caracterizar as incidências específicas de certos micro e macros ambientes sobre o indivíduo (MOSER, 1998). Busca identificar como, por exemplo, a casa de uma pessoa é capaz de influenciar sua percepção e atitudes, e qual o nível de interferência que uma cidade tem nesses mesmos aspectos, considerando um contexto mais amplo.

Segundo Cavalcante e Elali (2011), existem três tipos de compreensão que surgem a partir da Psicologia Ambiental. A primeira delas é a percepção da díade pessoa-ambiente, que consiste no intercâmbio dinâmico de mútuas influências, em que homem e ambiente se relacionam. A segunda se refere a constatação de que a ação humana se reflete diretamente em seu entorno. Por fim, a terceira fundamenta-se na investigação das motivações das ações humanas em relação ao ambiente, a partir de valores e crenças que fundamentem tais ações. Desse modo, faz-se necessário observar, de forma atenta e segundo tais autores, as relações pessoa-ambiente para que possa ser garantida uma melhor conexão entre eles, já que a ação de um influencia direta ou indiretamente na resposta do outro.

Tais percepções podem estar associadas à absorção do conhecimento (BERNARDINO, 2017). A partir dos seus sistemas sensoriais, o indivíduo consegue captar reações transmitidas pelo meio ambiente e ter a capacidade de entender ou não as situações ocorridas. A clara leitura do espaço e a territorialidade podem auxiliar o indivíduo a controlar e dominar os espaços de acordo com sua necessidade, formando, assim, lugares, que se revelam por meio do valor, significado e apropriação de determinados ambientes para o cidadão.

Por fim, nota-se que através da Psicologia Ambiental é possível entender que o ambiente pode ser alterado por determinadas ações humanas, assim como determinadas eventualidades ambientais podem também alterar a conduta humana. Afinal, como afirma Hansard (1943), “nós moldamos nosso próprio ambiente e depois disso esse ambiente molda nosso comportamento”.

Arquitetura, Urbanismo e Psicologia Ambiental

Cada local possui uma ambiência própria que o caracteriza e cuja construção é cotidiana (ELALI). O que gera essa ambiência é a articulação de inúmeros fatores, perceptíveis ou não, que existem naquele lugar e definem sua particularidade, influenciando no comportamento das pessoas que habitam ou usam tal espaço.

As interações pessoa-ambiente possuem complexidades que podem ser entendidas por meio da interdisciplinaridade. Em Psicologia e Arquitetura, que são duas áreas proximamente ligadas ao estudo de tais relações, existem níveis de complementariedade. A Psicologia, gradualmente, e de acordo Elali (1997), ampliou sua área de atuação do indivíduo para o social e o ambiental, complementando seus estudos de modo a entender as interações ambiente-comportamento, possibilitando um conhecimento mais amplo da realidade através de um foco humanamente consistente. Já na Arquitetura, por sua vez, percebe-se, além da ênfase em aspectos estéticos, construtivos e funcionais, a preocupação com a leitura, percepção e satisfação dos usuários a partir dos ambientes concebidos, permitindo a criação de propostas mais voltadas para o indivíduo.

A Arquitetura e o Urbanismo, por serem entendidos como uma forma de pensar e questionar o mundo e o ambiente, têm como objetivo compreender as necessidades dos indivíduos, grupos sociais e da comunidade em geral, a fim de conseguir traduzir, por meio de espaços, tais necessidades e possíveis desejos de uma forma planejada.

A Psicologia Ambiental, por sua vez e conforme citado, tem como propósito entender como as particularidades do ambiente interatuam com os aspectos psicológicos dos sujeitos e que tipo de resposta essa forma interativa traz na cognição e comportamento humanos. Desempenha o papel de “ponte” que possibilita as necessárias trocas, enriquecendo-se através do compartilhamento de conceitos e experiência (ELALI, 1997). Ela tem, ainda, relações metodológicas e científicas com várias interfaces conceituais. Destacam-se, entre elas, a Sociologia, a Antropologia e a Geografia Humana (ORNSTEIN, 2005).

Existem, além dessas, ligações perceptíveis com a Arquitetura e Urbanismo, principalmente nas etapas relacionadas ao processo de produção do ambiente construído orientado no planejamento e programa de necessidades, por exemplo, em que o homem é o objetivo final da concepção de determinado espaço. Assim como qualquer meio de comunicação estética, a Arquitetura pode, também, transmitir um abrangente espectro de emoções que faz parte da rotina das pessoas, uma vez que influencia diretamente na

apreensão e entendimento do indivíduo sobre determinado espaço.

O arquiteto, de acordo com Bernardino (2017), é entendido como um intérprete dos vários anseios dos clientes. As informações discutidas previamente pelo profissional e pelo consumidor no processo de planejamento tornam-se ferramentas essenciais para resultados mais próximos do que os clientes buscam. Percebe-se, então, que a arquitetura necessita, além de conhecimento técnico para adequar de forma funcional os espaços, de entendimento e atendimento às expectativas psicológicas dos indivíduos, de modo que sejam assegurados ambientes considerados agradáveis.

Bernardino (2017) afirma que a arquitetura é compreendida como arte e como ciência, já que para a elaboração de projetos é necessário o uso simultâneo de criatividade e de técnicas de construção. Ao se projetar, várias descobertas são feitas ao longo da criação de versões diferentes para um mesmo projeto, a partir da busca por espaços que possam dar suporte ao estilo de vida dos usuários e que revela, de forma clara, que a arquitetura se relaciona, ao mesmo tempo, com o ambiente e com o comportamento humano.

A partir dessa ótica, o edifício deixa de ser encarado apenas a partir das suas características físicas e passa a ser entendido e avaliado enquanto espaço de convívio, sujeito à ocupação, leitura e modificação pelos usuários, ou seja, além de aspectos construtivos e funcionais, o espaço construído é acrescido da análise comportamental e social essencial à sua compreensão (ELALI, 1997). O que antes era apenas espaço converte-se em lugar, e o ponto de vista do usuário sobre este ambiente se transforma.

A Psicologia busca auxiliar no conforto dos ambientes em um sentido abrangente. As pessoas mantêm relações afetivas com os ambientes em que se inserem, cuja compreensão se relaciona à sua memória e experiências. Nesse contexto, a função da Psicologia Ambiental é intervir para que o homem se entenda como parte do ambiente e que a partir deste garanta sua sobrevivência. Tal compreensão pode favorecer para que o sujeito

desenvolva com o ambiente uma relação harmônica e saudável (BERNARDINO, 2017).

Existem, entretanto e apesar da importância, problemáticas no processo de ampliação do conhecimento da interface entre ambiente e comportamento humano. De acordo com Elali (1997), uma das dificuldades encontradas é a continuação do estudo isolado de cada fator envolvido nesse ramo.

Embora seja crucial a complementaridade entre todos os campos de trabalho, que envolvem faces diferentes de uma mesma problemática, as informações obtidas em cada ramo de estudos pouco se ampliam além do seu próprio âmbito. Tal fato dificulta a formação de um volume crítico interdisciplinar que permita um sistema investigativo mais abrangente.

Conclusão

Percebe-se, então, que o conhecimento não se desenvolve dentro de posições delimitadas, sendo necessário, para o alcance desse, um estudo amplo e interdisciplinar, o que requer investimento em atividades teórico-metodológicas ligadas à espacialidade, de modo a possibilitar um retorno e um entendimento a partir de investigações.

Nota-se, também, a complexidade no estudo da ambiência, que exige que os pesquisadores desse campo se aproximem de diferentes ramos do conhecimento, requisitando uma base conceitual e técnica voltada para a compreensão dos comportamentos associados a diversos tipos de ambientes. Dessa forma, a relevância da Psicologia Ambiental como ferramenta de auxílio na Arquitetura é visada, uma vez que suas contribuições permitem a criação de lugares propícios de garantia de bem-estar ao homem, de modo que este se relacione com a natureza da qual ele faz parte. Desse modo, é importante que os arquitetos e urbanistas entendam a relevância de tal auxílio para suas respectivas áreas de atuação.

Entende-se, por fim, que os profissionais que traçam planos de empreendimentos se beneficiam, de forma direta, da Psicologia Ambiental, visto que a arte de projetar apresenta-se, além de técnica, como subjetiva. Em razão disso, nota-se a necessidade de que os

arquitetos, urbanistas e paisagistas exercitem a habilidade de apropriarem-se do conhecimento desse ramo científico a fim de desenvolver estratégias para aplicar tais conhecimentos nos seus projetos, pretendendo melhores e mais adequados resultados. É crucial que se tenham projetos menos padronizados e que mais sejam levadas em consideração as diversidades cultural, social, econômica e ambiental e demais aspectos, como forma e localização. Quando o profissional é consciente da estrita relação pessoa-espço, pode se tornar mais fácil a modificação de ambientes vivenciados pelos usuários, garantindo o aprimoramento destes.

Referências Bibliográficas

1. BARKER, R. G. Wanted: An eco-behavioral science. Em E. P. Willems & H. I. Raush (Eds.), *Naturalistic viewpoints in psychological research* (pp. 31-43). New York: Holt, Rinehart & Winston.
2. BATISTA, Eliana Nunes Ribeiro. A Interdisciplinaridade no Ensino de Arquitetura: Análise a partir da disciplina de Projeto Arquitetônico. 2017. Universidade do Oeste – Unoeste, Presidente Prudente – SP, 2017.
3. BERNARDINO, Cledja M. das Neves. Psicologia Ambiental, uma ponte entre Homem e Arquitetura. 2017. Revista On-Line IPOG ESPECIALIZE. Maceió - AL, 2017.
4. CARVALHO, Mara Ignez Campos de. Psicologia Ambiental – Algumas Considerações. 1993. Universidade de São Paulo – SP, 1993.
5. CAVALCANTE, S; ELALI, G. A. (org.). Temas básicos em psicologia ambiental. Petrópolis: Vozes, 2011, 318p.
6. COLIN, Silvio. Arquitetura e Psicologia. Coisas da arquitetura, 2010. Disponível em: <<https://coisasdaarquitetura.wordpress.com/2010/09/04/arquitetura-e-psicologia/>>. Acesso em: 08 de novembro de 2019.
7. DAVID, T. G., & Weinstein, C. S. (1987). The built environment and children's development. Em C. S. Weinstein & T. G. David (Eds.); *Spaces for children – The built environment and child development* (pp. 3-17). New York: Plenum.
8. ELALI, Gleice Azambuja. Psicologia e Arquitetura: em busca do locus interdisciplinar. 1997. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – RN, 1997.
9. ELALI, Gleice Azambuja. Relações entre comportamento humano e ambiência: Uma reflexão com base na psicologia ambiental. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – RN.
10. FAZENDA, I. C. A. Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa. São Paulo: Papiros, 2013.
FAZENDA, I. C. A. Interdisciplinaridade: um projeto em parceria. São Paulo: Loyola, 1991.
11. FAZENDA, I. C. A. O que é interdisciplinaridade? 2008. São Paulo: Cortez, 2008.
12. JAPIASSU, H. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
13. LEIS, Héctor Ricardo. Sobre o Conceito de Interdisciplinaridade. 2005. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas. FPOLIS, 2005.
14. MOSER, Gabriel. Psicologia Ambiental. 1998. Universidade René Descartes – Paris V, 1998.
15. ORNSTEIN, Sheila Walbe. Arquitetura, Urbanismo e Psicologia Ambiental: Uma reflexão sobre dilemas e possibilidades da atuação integrada. 2005. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – USP. São Paulo, 2005.
16. PROSHANKSKY, H. M., ITTELSON, W. H. & RIVLIN, I. (1970). *Environmental psychology: Man and his physical settings*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
17. VIDIGAL, E. J. Ensino de projeto arquitetônico: um estudo sobre as práticas didáticas no curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal do Paraná. 2010. 330f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Paraná, 2010.